



UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS CAUSADOS PELA DESINFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA EM UM CONTEXTO PÓS-MODERNO

AN ANALYSIS OF THE IMPACTS CAUSED BY MISINFORMATION ON THE CONSTRUCTION OF INDIGENOUS IDENTITY IN A POST-MODERN CONTEXT

Cristian Reginato Amador¹

Hendrisy Araújo Duarte²

Rosane Leal da Silva³

RESUMO

O presente estudo tem como eixo central a desinformação e seus impactos na efetiva construção de identidades no contexto de povos indígenas, tendo como ponto de partida a forma como o processo de informação tem gerado impactos na construção cultural no seio da sociedade pós-moderna. Assim, problematiza-se em que medida os povos indígenas sofrem impactados de um contexto de desinformação no Brasil quando se parte da construção de identidades, sendo que, para tanto, utiliza-se o método de abordagem dedutivo e, enquanto métodos de procedimento, o monográfico e tipológico. De outro lado, o estudo vale-se de uma revisão bibliográfica, trazendo à baila autores referências quando se trata de temas como sociedade em rede, a internet propriamente dita, os padrões de desinformação no ciberespaço e, sobretudo, os impactos dessa realidade frente à percepção da identidade das comunidades indígenas no Brasil. Tem-se como objetivo, portanto, visualizar as mazelas enfrentadas pela sociedade ao acesso de informações fidedignas e a influência do fenômeno da desinformação on-line, sendo que, ao final, o que se observa é uma relação intrínseca entre a desinformação e a forma como a sociedade percebe seus atores, e impacta, diretamente, na forma como os serviços de informação são prestados.

¹ Advogado. Mestrando em Direito (UFSM) e acadêmico do Curso Superior de Tecnologia em Segurança Pública Municipal (FADISMA). Bacharel em direito (FADISMA). Mediador, facilitador e integrante do Programa de Pesquisa em Justiça Restaurativa (FADISMA). Pesquisador junto ao Centro de Estudos e Pesquisas em Direito e Internet (CEPEDI/UFSM) e do Centro de Mediação e Práticas Restaurativas (CEMPRE/FADISMA). E-mail: cristianreginato031@gmail.com.

² Advogada. Mestranda em direito (UFSM) e em Políticas Públicas (UNIPAMPA). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Gênero, Ética, Educação e Política (GEEP/UNIPAMPA) e do Centro de Estudos e Pesquisas em Direito e Internet (CEPEDI/UFSM). Especialista em Direito Penal e Direito Processual Penal pela Verbo Educacional. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA). E-mail: duarte.hendrisy@acad.ufsm.br.

³ Graduada em direito. Mestre em integração latino - americana (UFSM) e doutora pela UFSC. É professora associada da Universidade Federal de Santa Maria. Atua no Curso de Direito do Centro Universitário Franciscano, atual Universidade Franciscana (UFN). É docente pesquisadora na Faculdade Antonio Meneghetti. Atualmente é líder do Grupo de Pesquisa Teoria Jurídica no Novo Milênio (UFN) e do Grupo de Pesquisa Núcleo de Direito Informacional (UFSM), ambos inscritos no CNPq. Integra, na condição de pesquisadora, o Núcleo de Estudos Jurídicos e Sociais da Criança e do Adolescente, da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordena o Núcleo de Direito Informacional, na Universidade Federal de Santa Maria.



Palavras-chave: Desinformação; Identidade; Indígenas; Internet.

ABSTRACT

The central axis of this study is misinformation and its impact on the effective construction of identities in the context of indigenous peoples, with the starting point being the way in which the information process has had an impact on cultural construction within post-modern society. Thus, we problematize to what extent indigenous peoples are impacted by a context of misinformation in Brazil when it comes to the construction of identities, using the deductive method of approach and, as methods of procedure, the monographic and typological. On the other hand, the study makes use of a bibliographical review, bringing up authors who are references when it comes to themes such as the network society, the Internet itself, the patterns of disinformation in cyberspace and, above all, the impacts of this reality on the perception of the identity of indigenous communities in Brazil. The objective is, therefore, to visualize the problems faced by society in accessing reliable information and the influence of the online disinformation phenomenon. In the end, what can be observed is an intrinsic relationship between disinformation and the way society perceives its actors, which directly impacts the way information services are provided.

Keywords: Disinformation; Identity; Indigenous; Internet.

INTRODUÇÃO

A sociedade pós-moderna é marcada por (des)construções culturais e isso passa a ser mais perceptível quando se está diante dos reflexos que emergem em razão do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, o que revela um caráter tautológico no processo. Isso significa dizer que, se de um lado as tecnologias estão imbricadas às instituições sociais, de outro, o conjunto delas se torna uma instituição própria e independente.

Essa relação, apesar dos inúmeros avanços (na ciência, na educação, etc), possibilita a disseminação de informações que fogem da realidade e da veracidade, sobretudo quando se está diante de grupos que, de forma corriqueira, são postos à margem da sociedade. Nesse sentido, objetiva-se compreender os conceitos de desinformação (além de relacioná-los com a expansão da sociedade hiperconectada), explorar a influência da sociedade globalizada na validação de discursos desinformativos enquanto manifestações plenas da liberdade de expressão frente à segregação informativa ocasionada pelo acesso à internet e analisar os impactos causados pelo discurso desinformativo frente à percepção da identidade da população indígena no Brasil.

Com objetivo de problematizar em que medida os povos indígenas sofrem restrições



na construção de uma identidade, dentro de um contexto de desinformação, utiliza-se do método dedutivo enquanto método de abordagem. A escolha se dá porque, partindo da pesquisa da doutrina sobre as temáticas abordadas nessa pesquisa e dos documentos existentes sobre a desinformação e os impactos causados à população indígena brasileira, o estudo apresentará uma conexão descendente ao trabalhar com a generalização de fenômenos para se estreitar sob a percepção da identidade dos povos indígenas brasileiros e sua relação com o contexto de desinformação.

Para responder ao problema proposto, os métodos de procedimento serão o monográfico e o tipológico. O primeiro consiste no estudo de determinados casos de desinformação, ocasionados na internet, bem como da própria estrutura dessa ferramenta responsável por ampliar as fronteiras da sociedade em rede para se obter generalizações. Tal método faz com que esses casos escolhidos sejam representativos de outros semelhantes, o que possibilita verificar os fatores que influenciam esses fenômenos, bem como seus principais aspectos e suas causas e consequências. É o que ocorrerá tanto com a desinformação quanto com o acesso a internet e os riscos atinentes ao ciberespaço.

Já o segundo, por sua vez, se justifica pela necessidade de comparar fenômenos sociais dotados de certa complexidade, como é o caso da desinformação, que ganhou espaço na internet, do acesso a essa ferramenta e da presença, no ciberespaço, de pessoas indígenas buscando informação sobre temas relacionados à própria construção de identidade. Essa comparação incorre no desenvolvimento de certos modelos a partir da observação dos aspectos fundamentais desses eventos, traçando o panorama global de intersecção de diversos fenômenos.

O estudo também se valerá de uma revisão bibliográfica, trazendo à baila autores que estudam as temáticas relacionadas ao presente trabalho, entre elas a sociedade em rede, a internet propriamente dita, os padrões de desinformação no ciberespaço e sua relação com aspectos fundamentais dessa realidade para as comunidades indígenas e a percepção da identidade pela sociedade diante das diferenças culturais, a fim de averiguar o entendimento de outros pesquisadores sobre essas temáticas e proporcionar uma discussão que resultará numa conclusão melhor fundamentada que torne possível responder ao problema de pesquisa proposto inicialmente.

Ainda, a abordagem documental permitirá o estudo de pesquisas quantitativas realizadas sobre a sociedade da informação no Brasil pelo Centro Regional de Estudos para



o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - CETIC, de modo a verificar informações mais precisas e quantitativas sobre o impacto da internet para os indígenas, além de documentos de instituições internacionais e nacionais que discorrem sobre protocolos de saúde e desinformação, contendo, inclusive, diretrizes aos Estados em um eventual cenário de cooperação internacional.

1 AS POTENCIALIDADES DA INTERNET E A DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

A revolução tecnológica possibilitou uma reconstrução paradigmática da sociedade como um todo, provocando a adoção de uma nova roupagem a partir do incremento das novas tecnologias de informação e comunicação. De acordo com Castells⁴, a comunicação de massa autocomandada desvela-se enquanto padrão midiático em meio à sociedade pós-moderna, permitindo a construção de uma sociedade hiperconectada ao revelar relações baseadas no efêmero e no instantâneo.

Para Castells⁵, a Internet é tida como o “tecido de nossas vidas”, eis que sua potencialidade reside no fato de que, ao mesmo tempo, ela realiza a construção de sua própria instituição social e fica imbricada às instituições já estabelecidas culturalmente. As redes, assim como propõe Castells⁶, compartilham o mesmo eixo base e, a partir disso, são impulsionadas pela tecnologia cibernética. Assim, é que se tem é que as atividades econômicas, sociais, políticas e culturais estão partindo de estruturas pertencentes à internet essenciais⁷.

⁴ CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade: a era da informação**; tradução Klaus Brandini Gerhardt. 9. Ed. revista e ampliada. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

⁵ CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

⁶ CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade: a era da informação**; tradução Klaus Brandini Gerhardt. 9. Ed. revista e ampliada. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

⁷ CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.



Pierre Lévy⁸, nessa linha de raciocínio, ressalta o caráter ambivalente das tecnologias da informação, pois, ao mesmo tempo em que integram e facilitam a interação daqueles que participam de suas correntes, também excluem e reafirmam a dominação daqueles que não a fazem parte do seu *locus*. Essa ambivalência é capaz de produzir reflexos e transformar as condições da vida em sociedade: tal como o surgimento da escrita, o uso das tecnologias da informação também possibilita a manipulação dos discursos em prol de culturas dominantes.

Percebe-se, ainda, que o aumento do alcance dos discursos fez necessária a adaptação destes para que sua essência possa ser compreendida independente do tempo, lugar ou por quem ele seja lido e, assim, “seu esforço de totalização luta contra a pluralidade aberta dos contextos atravessados pelas mensagens, contra a diversidade das comunidades que os fazem circular”⁹. Lévy ainda reflete que:

a ecologia das técnicas de comunicação propõe, os atores humanos dispõem. São eles que decidem em última instância, deliberadamente ou na semi-inconsciência dos efeitos coletivos, do universo cultural que constroem juntos. É preciso ainda que tenham percebido a possibilidade de novas escolhas¹⁰.

Ao construírem juntos um universo cultural, faz-se presente novamente a ambivalência das tecnologias da informação, pois, assim como no real, as comunidades virtuais são constituídas através de afinidades de interesses e projetos, cooperação e trocas mútuas que independem da proximidade física de seus atores¹¹. Tem-se a fluidez da identidade como um fator crucial no conceito de comunidades formadas por ideias ou princípios, na medida em que o que acentua a característica mutável dessas comunidades é a presença da diversidade, manifestada através da pluralidade de centros que contrariam a ideia de uma

⁸ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*; tradução Carlos Irineu da Costa. 3 ed. 3 reimp. São Paulo: Editora 34, 2018.

⁹ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*; tradução Carlos Irineu da Costa. 3 ed. 3 reimp. São Paulo: Editora 34, 2018, p.118.

¹⁰ *Ibidem*, p. 120.

¹¹ *Ibidem*.



produção identitária fixa¹². Mais que isso, também subsiste a possibilidade de reconsideração, comparação e conseqüente mudança na escolha ao tentar apropriar-se de debates que, em outros momentos históricos, seriam considerados contraditórios e até mesmo antagônicos entre si¹³.

Nesse contexto de disseminação da informação através de diversos centros, fluidez da identidade dos indivíduos, a totalização dos discursos que emanam dessas comunidades, tem-se a reformulação das tentativas de manutenção do poder pelos grupos dominantes. Na universalização dos discursos trazida pela descontextualização, o que se observa é a inversão das técnicas iniciais de dominação, eis que, onde antes o objetivo era totalizar para descaracterizar enquanto indivíduos, agora existe uma acentuação do semelhante como estímulo à interação generalizada. Pierre Lévy define como “o universal sem totalidade”¹⁴.

Como reflexo da globalização, do intercâmbio cultural proporcionados pela rede mundial de computadores e da necessidade de reafirmação dos indivíduos enquanto seres pertencentes a determinados grupos étnicos, políticos, culturais, biológicos, psíquicos, é possível identificar o crescimento do fenômeno da desinformação, que inicialmente encontrou palco no cenário político e agora molda diversos contextos, dentre eles o cultural.

Ante a complexidade do fenômeno da desordem informacional, importa conceituar a desinformação como um fato em que a informação é sabidamente falsa e compartilhada com o objetivo intencional de causar algum dano¹⁵. Neste sentido, pode-se compreender como um dos elementos da

¹² WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

¹³ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

¹⁴ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**; tradução Carlos Irineu da Costa. 3 ed. 3 reimp. São Paulo: Editora 34, 2018, p.128.

¹⁵ CONSELHO EUROPEU - CoE. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-di-sorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-resear-c/168076277c> . Acesso em: 12 jun. 2022.



desinformação a recusa do outro e, até mesmo, uma certa cultura de indiferença¹⁶. Tomaz Tadeu da Silva destaca que, assim como a identidade, a diferença é produto de uma construção social, linguística e cultural:

As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral, oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis¹⁷.

Reforçando a existência desse ciclo entre identidade e diferença, a desinformação foi compreendida como uma ferramenta capaz de manipular a opinião pública contra uma pessoa, grupo social ou um país¹⁸. A instantaneidade das interações *online* reforça a compartimentalização étnica, criando uma necessidade de participar do “eco” de um discurso dito como homogêneo, por vezes desinformativo, a fim de recuperar a sensação de pertencimento dos envolvidos¹⁹.

Em razão disso, percebe-se um lado obscuro do uso das tecnologias da informação e comunicação, eis que, onde no início foi possível idealizar a fácil integração e cooperação dos povos, dos conhecimentos e, com isso, o avanço conjunto das sociedades²⁰, agora traz à tona problemas como polarização dos discursos, discurso de ódio e incidentes de privacidade. É inevitável, nesse contexto, tratar dos obstáculos encontrados ao livre acesso à informação de

¹⁶ DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In*: DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladimir. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 07-37.

¹⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

¹⁸ HIGH LEVEL GROUP On Fake News And Online Disinformation. **A multi-dimensional approach to disinformation**. 2018. Disponível em: <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/news/final-report-high-level-expert-group-fake-news-and-online-disinformation>. Acesso em: 17 jul. 2022.

¹⁹ DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In*: DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladimir. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 07-37.

²⁰ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**; tradução Carlos Irineu da Costa. 3 ed. 3 reimp. São Paulo: Editora 34, 2018, p.128.



qualidade que, por sua vez, estimulam a produção e o consumo da desinformação no Brasil.

De acordo com o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - CETIC²¹, 82% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet. Nesse recorte, o meio de acesso mais comum é através do celular, correspondendo a 95% do total de usuários da internet. Ainda de acordo com esse estudo, dentre a população total, os indígenas correspondem a 67% destes usuários e 100% deles informam-se exclusivamente através do celular. Nessa parcela de usuários das tecnologias da informação, ainda de acordo com o CETIC²², 13% dos usuários indígenas que não acessam a internet alegaram que não o fazem por falta de habilidade, seguido de 11% que diz não ter interesse e 36% que alega a falta de necessidade.

Diante do uso majoritário do celular como ferramenta de acesso aos serviços *online*, têm-se a personalização e filtragem dos conteúdos aos quais se tem acesso, sendo mencionado por Eli Pariser que:

São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo exclusivo para cada um de nós - o que passei a chamar de bolha dos filtros - que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideais e informações.²³

Através desse fenômeno denominado “filtro-bolha” percebe-se o aumento da polarização dos discursos, a distorção dos limites da liberdade de expressão e, conseqüentemente, um estímulo ao discurso desinformativo. Partindo de tais

²¹ CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. . **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação: Pesquisa TIC Domicílios.** 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2021/domicilios/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

²² CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. . **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação: Pesquisa TIC Domicílios.** 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2021/domicilios/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

²³ PARISER, Eli. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011, s.p. [livro eletrônico]



pressupostos é que David Nemer, em sua obra “Tecnologia do Oprimido”, reflete acerca de como as tecnologias de informação e comunicação refletem no cotidiano da sociedade, sobretudo quando se está diante de uma realidade informacional. A análise do autor permite alcançar um panorama em que a sociedade da informação interfere diretamente na forma como a informação é alocada na realidade social, dando destaque à criação de filtros bolha²⁴, que consistem em “um estado de isolamento intelectual ou ideológico que pode resultar de algoritmos que nos fornecem informações com as quais concordamos, com base em nosso comportamento anterior e histórico de pesquisa”²⁵.

Um dos riscos observados quando se está diante da criação de filtros bolha é que as plataformas digitais direcionam a informação a um ciclo de desinformação, alcançando o usuário enquanto recipiente de informação (partindo da abordagem Freireana) sem que qualquer questionamento seja realizado e eventuais críticas desenvolvidas. De acordo com Nemer, “diversos estudos mostraram que a disseminação de desinformação se parece mais com epidemias do que matérias jornalísticas reais, e que tais matérias normalmente ficam dentro das mesmas”²⁶ - os filtros bolha.

Tais questões também se mostram evidentes quando se parte da ideia de que os capitalistas de vigilância, abarcados em um capitalismo que “reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais”²⁷. Tais atores provocam uma mudança nos processos culturais de modo que possam conhecer o comportamento da população, ao mesmo tempo em que moldam um padrão de comportamento em escala, o que ganha maior percepção quando se está diante de populações que são postas à

²⁴ NEMER, David. **Tecnologia do oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil**. Vitória: Milfontes, 2021.

²⁵ PARISER, Eli. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, s.p.. [livro eletrônico]

²⁶ NEMER, David. **Tecnologia do oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil**. Vitória: Milfontes, 2021.

²⁷ ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.



margem da sociedade de forma constante, influenciando na própria definição de uma identidade plural e que represente a diversidade desses grupos.

2 AS POTENCIALIDADES DA INTERNET E A DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, foi inovadora ao consolidar diversos direitos sociais, sendo considerada uma das Constituições mais democráticas dentre as conhecidas. A exemplo disso, é possível destacar as disposições do Título VIII, que trata da ordem social, e do Capítulo VIII (Dos Índios), que traz delineamentos gerais sobre direitos originários dos indígenas sobre a terra que ocupam²⁸.

Percebe-se, ao confrontar o ideário legislativo com a realidade vivida no período pós-redemocratização, que o Brasil mantém as práticas colonialistas de segregação dos povos originários e a manutenção de uma cultura que os vê ora como ameaça aos avanços econômicos do país, tendo em vista a proteção de suas terras pensada na gênese da Constituição Federal com a finalidade de desenvolvimento sustentável e de proteção ambiental, ora como um fardo, haja vista o processo diferenciado de inclusão social a fim de integrá-los, em diversos níveis, à comunidade nacional.

Essa perspectiva pouco otimista parte justamente da forma como a democracia vem sendo construída em um contexto político e cultural. Uma democracia universal da humanidade pressupõe o reconhecimento de identidades que, em grande parte, são postas à margem da sociedade, sendo que, em última instância, isso resulta de uma política de Estado que, ao diferenciar seus cidadãos, afasta aqueles que se contrapõem ao padrão socialmente aceito de identidade, consequência “daquilo a que, num vasto processo de inversão, as democracias

²⁸ BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 jul. 2022.



liberais, já amplamente branqueadas pelas forças do capital, da tecnologias e do militarismo, aspiram”²⁹.

Assim como no caso de outros grupos que recebem tratamento igualmente desfavorável, a construção da realidade indígena parte essencialmente da forma como se dá a construção de sua identidade em razão da tendência em destacarem-se as diferenças entre os “cidadãos” em detrimento de suas similaridades. Assim, retomando o apelo por antecedentes históricos a fim de se elaborar a construção de uma identidade dita nacional, percebem-se três características principais: o conflito, a contestação e a crise³⁰.

São inúmeras as questões sobre a possibilidade ou não de se falar em uma identidade fixa, verdadeira e autêntica, e tais aspectos devem ser considerados a partir de sua perspectiva de análise se esta baseia-se em questões biológicas, de parentesco ou fatos históricos. O que se mostra evidente, no entanto, é que tanto o conceito de identidade quanto de diferença mostram-se como marcações simbólicas relativas a outras identidades. A identidade depende de conjunturas simbólicas, sociais e psíquicas, processos necessários para sua conceituação. Também encontra em sua gênese o caráter de diferenciação social, uma vez que, ao identificar-se como pertencente a um grupo étnico, automaticamente renuncia-se aos demais³¹.

Considerando a identificação dos povos indígenas dentro de uma sociedade marcada pela homogeneidade cultural provocada diretamente pelo fenômeno da globalização desde seu princípio (agora com a ascensão do estilo de vida capitalista), percebe-se que a diferenciação, além de torná-los únicos dentre os demais, traz consigo o caráter de definir quem é excluído e quem é incluído no núcleo dessa sociedade³², revelando, assim, aspectos do poder da representação que perpetuam a imagem generalista do indígena do período colonial e negam

²⁹ MBEMBE, Achille. *Políticas de inimidade*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: 2017, p. 72.

³⁰ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

³¹ Ibidem.

³² Ibidem.



aspectos da diversidade cultural encontrada nos povos que integram os grupos indígenas no Brasil.

Contrariando a ideia de que a identidade é um conceito fixo, tem-se o conceito da fluidez identitária, uma questão de tornar-se em detrimento de puramente ser:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.³³

Bauman bem lembra que, ao tratar da identidade como um conceito imutável, principalmente quando se refere a uma identidade nacional, esta se sobrepõe às diversas nuances de todo o processo de formação e intercâmbio encontrados no desenvolvimento cultural de uma sociedade³⁴. É complexo, por vezes, pensar a ideia de identidade na medida em que, em uma primeira análise, é possível partir do pressuposto de que identidade é tão somente aquilo que se é (ser homem, ser mulher, ser isso ou aquilo).

Ao contrário disso, a identidade passa a ser um mecanismo de organização política que advém da singularidade cultural marcada pela sociedade pós-moderna, destacando identidades que são criadas a partir de diferenças e exclusões³⁵. Ao partir de tal compreensão (identidade enquanto algo que agrega e segrega, de forma concomitante), Kathryn Woodward explica que “cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo”³⁶, sendo que é através de uma cultura de classificação que a sociedade permite a criação de meios que possibilitam a construção de significados.

³³ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 17.

³⁴ Ibidem.

³⁵ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

³⁶ Ibidem, p. 42.



Há, nesse sentido, uma linha de raciocínio que vai ao encontro da necessidade de classificar a sociedade em prol de uma ordem social. Há, sobretudo, um caráter ambivalente na construção de identidades: em um primeiro momento, a celebração de uma diversidade intrínseca à construção cultural, ao passo em que também cria e naturaliza uma hierarquia que parte da distinção entre dominado e dominante³⁷. Identidade e diferença estão marcadas por relações de poder inerentes ao próprio processo de construção cultural, e isso reflete na formação identitária de determinados grupos - ou até mesmo na construção identitária individual³⁸.

Há, de todo modo, um processo de mudança que implica no deslocamento das estruturas e dos processos sociais, não sendo crível que se pense, atualmente, em uma identidade singular e estanque: a sociedade muda, e isso gera reflexos na subjetividade de cada ator social. O próprio processo de identificação - com as projeções de cada indivíduo - tornou-se algo provisório e mutável, assim como a própria cultura³⁹, sendo que a crise das identidades não é apenas um aspecto pessoal que se restringe às individualidades, ela é, também, um fator político relevante no contexto social.

A identidade pode ser construída a partir de diferenças, mas também tem como base uma matéria fornecida pela história, pela geografia e outras estruturas que ocasionalmente ganham relevância no contexto social. Esses materiais são processados por cada ator social e são organizados tendo como base a estrutura social⁴⁰. Na era da informação, com um espaço construído em rede, cada sujeito passa a ser composto por dados arquivados e codificados, cuja circulação decorre da própria dinâmica da sociedade em rede que possibilita a criação de diferentes

³⁷ *ibidem*.

³⁸ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

³⁹ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

⁴⁰ CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**; tradução Roneide Venancio Majer. atualização para 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.



identidades em rede - especialmente ao considerar o papel da “identidade de projeto”, que diz respeito à conduta do sujeito ao redefinir sua forma de atuação na sociedade⁴¹. Se a forma de atuação muda (em razão desse caráter informacional), a forma de construção da identidade também se altera.

Mas de que modo, nesse contexto, a desinformação interfere na construção de identidades, sobretudo no contexto indígena? Talvez uma possível resposta esteja no próprio florescer das tecnologias, eis que a dinâmica das redes possibilitou “que muitos se percebessem e se expressassem de maneiras que antes não eram possíveis, aumentando sua mobilização individual e liberando formas de identidade e sexualidade que nunca se expressaram com tanta vivacidade e com vozes tão diversas quanto as de hoje”⁴².

A construção de identidades parte de um processo cognitivo e de aceitação intrínseco às particularidades de cada sujeito, e as interações em redes sociais, por exemplo, caracterizam-se enquanto terreno propício para a persuasão e formação de consensos socialmente construídos, especialmente quando se parte da ideia de que quanto maior a familiaridade do sujeito com a informação ali alocada, maior será a probabilidade de influência - o que dificulta a própria refutação de informações que vão de encontro à veracidade almejada⁴³.

De acordo com Gilberto Scofield Jr.⁴⁴, as pessoas, em maior ou menor grau, possuem uma relação emocional com a informação, sendo que a repetição de mensagens em grupos de afinidades ocasiona uma familiaridade, que tem apelo quando relacionada à identidade de determinado grupo. Não há nada mais familiar e emocional que a própria pretensão de manter o *status* social de dominante que o homem branco possui (ou possuía) dentro da sociedade, e isso releva a necessidade

⁴¹ Ibidem.

⁴² BRIDLE, James. **A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro**. Tradução de Erico Assis. São Paulo: Todavia, 2018, s.p.

⁴³ BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. A ponto do *iceberg* de desconfiança. In: KAUFMAN, Dora, et al. **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Brasil: Editora Cobogó, 2020.

⁴⁴ SCOFIELD JR, Gilberto. Desconstruindo as fakes news: o trabalho das agências de fact-checking. In: KAUFMAN, Dora, et al. **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Brasil: Editora Cobogó, 2020.



de manter determinados grupos à margem da sociedade - ofuscando a própria identidade destes.

Reafirma-se a questão do poder de representação ou, nesse caso, da ausência de uma representação contemporânea do indígena na comunidade nacional, tratando-os como excluídos e, portanto, sujeitos a esta relação de poder⁴⁵. A manutenção das condições de subordinação está presente até mesmo na legislação que trata dos direitos dos povos indígenas, pois reafirmam sua condição de sujeição aos demais integrantes da comunidade nacional, reiterando que “como poder exercido sobre o sujeito, a sujeição, não obstante, é um poder assumido pelo sujeito, uma suposição que constitui o instrumento do vir a ser desse sujeito”⁴⁶.

Manuel Castells⁴⁷, disserta sobre a construção da identidade através de diversas matérias, instituições, memórias coletiva e individual, religião e aparatos de poder. E este conjunto cabe ser processado pelos indivíduos e sociedades e realocados conforme suas estruturas culturais originárias. Neste sentido, tem-se a identidade legitimadora e a identidade de resistência, a primeira tem origem nas instituições dominantes com objetivo de expandir e perpetuar sua dominação; já a segunda opõe-se à anterior, dada sua desvalorização e/ou estigmatização⁴⁸.

No Brasil, alguns aspectos do enfrentamento da pandemia de COVID-19 são capazes de exemplificar como a desinformação - nem sempre diretamente ligada à identidade dos povos - é capaz de impactar os costumes e crenças de determinados povos. Assim, observa-se que a manipulação das informações não possui um único tema, ela vai desde os protocolos de cuidados para evitar a contaminação, passando pela distorção das formas como se pode transmitir o vírus, até mesmo

⁴⁵ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

⁴⁶ BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**; tradução Rogério Bettoni. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

⁴⁷ CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade: a era da informação**; tradução Klaus Brandini Gerhardt. 9. Ed. revista e ampliada. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

⁴⁸ Ibidem.



atribuindo à sua disseminação acelerada a determinados costumes ou crenças culturais e religiosas.

De acordo com a APIB⁴⁹, o preconceito institucional estimula a discriminação de povos indígenas desde os mais altos escalões do governo, os quais falharam ao oferecer aporte financeiro. A mensuração dos impactos causados nos povos indígenas foi prejudicada também pelo fato de terem seu registro como pessoas pardas ao receberem atendimento de saúde nos centros urbanos, o que, de acordo com a APIB, promove a perpetuação da exclusão vivida historicamente e colabora para maquiar dados estatísticos relevantes para o enfrentamento da pandemia⁵⁰.

A APIB registra o agravamento das denúncias de racismo, tanto por parte de órgãos públicos, como a edição de decretos que restringem a circulação de indígenas⁵¹, sob a falsa crença de que o vírus é transmitido mais facilmente entre esses povos, bem como a redução da busca por atendimento médico especializado, por medo de discriminação ou represálias⁵².

Outra ressalva que o relatório da APIB faz e merece atenção é que não fora discutido, com as entidades que representam os povos indígenas no Brasil, hipóteses de realização de enterros humanizados que respeitem as peculiaridades da tradição de cada um dos povos indígenas acometidos pela pandemia, afetando diretamente um processo psicológico tão complexo como é o luto⁵³.

Assim, apesar das inúmeras orientações de organizações, como a Organização Mundial da Saúde, Organização dos Estados Americanos, e a Associação dos Povos Indígenas do Brasil, no sentido de resguardar os povos mais

⁴⁹ APIB - ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. *Nossa luta é pela vida: covid-19 e povos indígenas: o enfrentamento das violências durante a pandemia*. [s.l.] 2020. Disponível em: <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/relatorio/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ A prefeitura de Pau d'Arco - PA publicou o decreto de nº 65/2020, no dia 18 de junho de 2020, que tinha como objetivo a realização de *lockdown* exclusivamente para indígenas. O decreto foi revogado em 20 de junho de 2020, após o Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará emitirem uma recomendação conjunta neste sentido (MPF, 2020).

⁵² APIB - ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. *Nossa luta é pela vida: covid-19 e povos indígenas: o enfrentamento das violências durante a pandemia*. [s.l.] 2020. Disponível em: <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/relatorio/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

⁵³ Ibidem.



vulneráveis historicamente, o agravamento das violações ao direito à informação e, principalmente, à diversidade cultural, merece especial atenção das ciências sociais para que se possa efetivar os direitos fundamentais dos povos indígenas e, com isso, manter sua identidade histórico-cultural de forma permanente.

Tais aspectos, considerando a realidade em informacional, cujo processamento de informação fomenta a produção de relações de poder, demonstra a importância de ser levada em conta os reflexos que surgem em razão dos processos desinformativos, eis que a análise de tais riscos vai além da responsabilização pela distorção de fatos, discursos ou imagens. Tal investigação é de suma importância pois, apesar de sua disseminação ocorrer majoritariamente por meios *online*, seus reflexos atingem o contexto fático, principalmente naquele vivenciado por grupos indígenas em razão de todo o contexto de segregação e tentativas de esvaziamento cultural que se enfrenta desde a fundação do país.

Tudo isso demonstra, enfim, que identidade e (des)informação percorrem o mesmo caminho em determinados contextos, e parte de pressupostos diferentes a depender do grupo social em questão (marginalizados, na maioria das vezes). A desinformação implica no exercício irregular das prerrogativas de atuação, o que, inevitavelmente, ocasiona em uma construção conturbada de identidades (especialmente no caso do sujeito pós-moderno).

CONCLUSÃO

O estudo buscou delinear as potencialidades da internet e o desenvolvimento da desinformação na sociedade contemporânea, em especial no impacto causado pela desinformação na identidade de comunidades indígenas no Brasil considerando a distorção da realidade, essência da desinformação.

Sem a pretensão de exaurir o tema, mas na intenção de contribuir com os estudos voltados a compreender as diversas nuances envolvendo os impactos da desinformação no cotidiano, o presente trabalho problematizou de que forma os



processos desinformativos interferem no estabelecimento de identidades, com ênfase na realidade da comunidade indígena brasileira.

Em um primeiro momento trabalhou-se as potencialidades da internet e o contexto da desinformação na contemporaneidade, com o objetivo de construir um panorama sobre a sociedade em rede e o seu desenvolvimento, até a aclimação da desinformação ao cenário virtual de comunicações. Assim, observou-se que a conjuntura da sociedade hiperconectada permite perceber uma nova fronteira aos discursos, embora suas demarcações ainda sejam bastante difusas e isso possa representar um dos principais empecilhos para o enfrentamento da desinformação *online*.

Somado a isso, a falta de acesso à informação ensejada pela desigualdade no acesso às tecnologias da informação, também é reforçada pela enxurrada de informações, incluídas as de cunho desinformativo, conceituada pela Organização Mundial da Saúde como “infodemia”⁵⁴.

A capitalização envolvida na informação, caracterizada pelo capitalismo de vigilância, voltada para o consumo de produtos (informativos, materiais, artísticos, etc.) mostra-se vil quando o contexto da sociedade se vê em crise. Acentuam-se aí os problemas sociais que há muito já se observam, bem como o isolamento e a totalização de discursos.

Ao isolar intelectualmente e totalizar o conteúdo discursivo, observa-se o surgimento das bolhas informacionais capazes de dissociar o usuário online de fatos e direcionar a informação ao usuário como se este fosse um recipiente, sem quaisquer questionamentos ou criticidade que possa estar envolvida ao assunto. Reside aí o maior impasse do enfrentamento à desinformação online, a falta de pensamento crítico e a dissociação entre a realidade e a manipulação de conteúdo referente à populações historicamente marginalizadas, como os povos originários no Brasil.

⁵⁴ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS (Organização Mundial da Saúde). **ENTENDA A INFODEMIA E A DESINFORMAÇÃO NA LUTA CONTRA A COVID-19**. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/FactsheetInfodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 12 jun. 2022.



Em um segundo momento, o estudo se afinou sobre o impacto da desinformação na percepção da identidade indígena no Brasil, delimitando-se temporalmente no período pós-moderno. Observou-se, nesse ínterim, que em que pese a legislação traga algumas salvaguardas em relação ao respeito às diferenças culturais, o que se observa na realidade brasileira é o oposto e se deve à intensa diversidade cultural entre os povos indígenas.

A identidade cultural de um povo é essencial em tempos de crise. É esta identidade que dita os ritos e processos pelo quais a própria percepção da pessoa enquanto integrante de um grupo. Ainda que se tenha em mente que a construção da identidade acompanha a exclusão do outro, é preciso considerar que a formação do sujeito em sua individualidade também é parte de um intercâmbio mutável com outros sujeitos e outras culturas. A sociedade é agravada pela crise na percepção das identidades dos povos indígenas, bem como na compreensão das diferentes características que representam os diferentes povos que compõem a comunidade indígena nacional. O desconhecimento da diversidade cultural e, portanto, de identidades e costumes permeia setores da gestão pública que vão dos mais altos escalões do governo aos profissionais que atuam diretamente com a população.

Logo, ficou perceptível que perdura, no contexto da sociedade em rede, a segregação histórica dos povos originários e que essa, assim como outros processos discriminatórios, se moldou ao surgimento das tecnologias da informação e comunicação, afetando sobremaneira os direitos mais básicos. O impacto da segregação foi exponencialmente agravado pela desinformação, visto que esta age tanto direta como nos casos onde há a generalização dos 305 povos indígenas brasileiros como sendo uma única identidade nacional.

REFERÊNCIAS

APIB - ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. **Nossa luta é pela vida: covid-19 e povos indígenas: o enfrentamento das violências durante a pandemia.** [s.l.] 2020. Disponível em: <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/relatorio/>. Acesso em: 07 ago. 2022.



BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 jul. 2022.

BRASIL. Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973. **Dispõe sobre o Estatuto do Índio**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm. Acesso em: 12 jul. 2022.

BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. A ponto do *iceberg* de desconfiança. In: KAUFMAN, Dora, et al. **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Brasil: Editora Cobogó, 2020.

BRIDLE, James. **A nova idade das trevas**: a tecnologia e o fim do futuro. Tradução de Erico Assis. São Paulo: Todavia, 2018.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição; tradução Rogério Bettoni. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**; tradução Roneide Venancio Majer. atualização para 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**: a era da informação; tradução Klaus Brandini Gerhardt. 9. Ed. revista e ampliada. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. . **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação: Pesquisa TIC Domicílios**. 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2021/domicilios/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CONSELHO EUROPEU - CoE. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-di-sorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-resear-c/168076277c> . Acesso em: 12 jun. 2022.



DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In*: DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladimir. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 07-37.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIGH LEVEL GROUP On Fake News And Online Disinformation. **A multi-dimensional approach to disinformation**. 2018. Disponível em: <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/news/final-report-high-level-expert-group-fake-news-and-online-disinformation>. Acesso em: 17 jul. 2022.

HOLSTON, James. **Cidadania Insurgente**. Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (Brasil). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/ciencia-tecnologia-e-inovacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=29516&t=downloads> Acesso em: 20 jul. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**; tradução Carlos Irineu da Costa. 3 ed. 3 reimp. São Paulo: Editora 34, 2018.

MBEMBE, Achille. **Políticas de inimizade**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: 2017.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **MPF e MP/PA cobram revogação de decreto que cria lockdown obrigatório só para indígenas**. 2020. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pa/sala-de-imprensa/noticias-pa/mpf-e-mppa-cobram-revogacao-de-decreto-que-cria-lockdown-obrigatorio-so-para-indigenas>. Acesso em: 13 jan. 2021.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Marta Lança. Portugal: Antígona, 2017.

NEMER, David. **Tecnologia do oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil**. Vitória: Milfontes, 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS (Organização Mundial da Saúde). **ENTENDA A INFODEMIA E A DESINFORMAÇÃO NA LUTA CONTRA A COVID-19**. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/FactsheetInfodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 12 jun. 2022.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. [livro eletrônico]



SCOFIELD JR, Gilberto. **Desconstruindo as fakes news: o trabalho das agências de fact-checking.** In: KAUFMAN, Dora, et al. Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas. Brasil: Editora Cobogó, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Tomaz Tadeu da Silva (org.). 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder.** Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.